

# O PERFIL DO CONSELHEIRO CRISTÃO:

## Suas habilidades inerentes ou adquiridas e sua dependência do Espírito Santo

Ilda Malena R. O. Clower<sup>1</sup>

Prof. Dra. Izabel Cristina de Araújo (orientadora)<sup>2</sup>

### RESUMO

O conselheiro cristão é aquele que, munido de habilidades inerentes ou adquiridas por meio de treinamento, além de profundo conhecedor da Palavra de Deus, se propõe a ajudar as pessoas. Seja como profissional ou mesmo pelo fato de estar em posição de liderança na igreja ou em outra organização cristã. Tendo em vista a grande demanda na área de aconselhamento, devido às necessidades características do presente momento na história da humanidade, faz-se necessário um estudo relevante sobre a vida daqueles que se propõem a ingressar no propósito de ajudar aos que buscam conselho ou mesmo uma direção, seja no seio da igreja ou fora deste. Será discutido o perfil do conselheiro cristão, baseado numa pesquisa de cunho bibliográfico. Ao final, apresenta que o conselheiro deverá estar ciente de suas limitações e disposto a encaminhar o aconselhado a outro tratamento quando suas condições de treinamento ou pessoais assim requererem, tendo a humildade de reconhecer suas limitações.

**Palavras-chave:** Conselheiro. Perfil. Características.

### ABSTRAC

The christian counsellor is one who, bearing inherent abilities or abilities acquired through training, beyond profound knowledge of God Word, proposes to help people, as a professional or even the fact that he is in leadership position in the church or other Christian Organization. In view of the great demand in the area of counseling, owing to the needs of the present moment in the history of mankind, a relevant study of the characteristics in the life of those who propose to join in the purpose of helping those who seek advice or even a direction within the church or out of this. This article is to identify and characterize, based on bibliographical searches the profile of the christian advisor, emphasizing the dependence of the Holy Spirit, the transforming agent in the life of whom seeks for help.

**Keywords:** Counsellor. Profile. Characteristics.

---

1 Especialista em Aconselhamento e Gestão de Pessoas pela Faculdade Teológica Betânia, Curitiba/PR (FATEBE). Graduada em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná/PR (FABAPAR). E-mail: [clower.malena@hotmail.com](mailto:clower.malena@hotmail.com)

2 Doutora e Mestre em Educação pela Universidade de Campinas - UNICAMP/SP. Pós-graduada em Gestão de Pessoas e Aconselhamento pela Faculdade Teológica Betânia/PR e em Gestão Estratégica para Governantes pela UNICAMP/SP. Graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas/SP. Bacharel em Teologia pela faculdade de Ciências e Letras. Curitiba-PR. Professora e orientadora educacional na Faculdade Teológica Betânia- FATEBE. E-mail: [bel.araujo2@yahoo.com.br](mailto:bel.araujo2@yahoo.com.br)

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma reflexão sobre o perfil do conselheiro cristão, uma análise de suas características inerentes ou adquiridas por meio de treinamento na área, do conhecimento bíblico, bem como sua dependência do Espírito Santo. Está pautado numa pesquisa de cunho bibliográfico referente à temática.

Considerando o interesse por parte de pessoas que estão envolvidas no ministério pastoral ou de liderança quanto à prática do aconselhamento, faz-se necessária uma busca acurada sobre o perfil do conselheiro, sendo esta uma área que fascina por inúmeros motivos. Dentre eles, destaca-se: envolver-se com pessoas, saber detalhes de suas vidas e até mesmo a 'tentação' de exercer certo controle sobre outras pessoas pela via do exercício de aconselhamento. Neste contexto, muitos se envolvem nesta área sem o devido conhecimento e preparo, uma vez que se trata da vida de pessoas em situação de risco ou de extremo sofrimento, que exige cuidado e atenção por parte de quem se propõe a ajudá-las. É preciso ressaltar que o conselheiro não é um médico que prescreve ao paciente uma receita, este adquire o medicamento, e o conselheiro nunca mais o encontrará. Ao contrário, o conselheiro no desempenho do seu papel, terá que investir tempo e atenção na prática de aconselhamento. Em alguns casos, a indicação de atendimento médico especializado, até que a pessoa se restabeleça ou adquira condições de prosseguir por si mesma.

Faz-se necessário ressaltar, conforme Collins (1984, p. 28), que alguns pastores e líderes passam a ser obrigados a exercer tal atividade, mesmo não estando preparados, devido ao número de pessoas que os procuram para receber ajuda. Devido a esta grande demanda, apesar de muitos destes líderes usarem de boa vontade ou mesmo no afã de suprir uma necessidade urgente, muitos não possuem o perfil adequado, técnicas de aconselhamento ou mesmo treinamento para o exercício de tal função.

Autores como Collins (1982), Molochenco (2008), Friesen (2012), dentre outros, são unânimes em afirmar que é preciso uma qualificação e capacitação técnica na área de aconselhamento, além da ação e dependência do Espírito Santo.

Portanto, o desafio encontra-se em capacitar-se para o exercício da prática do aconselhamento. Não basta apenas o desejo de ajudar aos outros, ou mesmo

suprir uma necessidade prática da função de liderança, ambos não são condições suficientes para o exercício do aconselhamento. Recomenda-se como necessárias a capacitação, o conhecimento de técnicas e um profundo conhecimento de si mesmo, de seus limites e de sua motivação. Além disso, acima de tudo, a dependência do Espírito Santo, reconhecendo-O como conselheiro e mestre por excelência.

O conselheiro tem um campo de possibilidades para o exercício de sua prática de aconselhamento, dentre elas: a busca na Bíblia Sagrada de vários relatos de aconselhamento exercido por líderes, sacerdotes, reis e profetas, chegando a Jesus, o Conselheiro por excelência, bem como exemplos de líderes da igreja primitiva e do apóstolo para os gentios, Paulo.

Considerando o contexto, apresenta-se, a seguir, o aconselhamento na bíblia, a definição e perfil do conselheiro cristão, bem como suas características, dependência do Espírito Santo e motivações para o exercício de seu papel.

## **1. O ACONSELHAMENTO NA BÍBLIA**

A palavra “etsah”, “conselho”, em hebraico, pode ser encontrada oitenta e sete vezes no Antigo Testamento e as ideias envolvidas neste termo e seus cognatos são “sessão”, “assembleia”, “julgar”, “defensor”, “conselheiro”. (CHAMPLIN, 2001, v.1, p. 875). Samuel Costa apud Ruth Scheeffter (2015, p. 75) relata que na Bíblia encontramos relatos de pessoas que decifraram revelações nas quais o eterno Deus deu-lhes orientações para resolver dificuldades de ordem educacional, profissional e vital. Além de orientações para utilizar melhor os seus recursos pessoais, relação de ajuda, dentre outros. Tais ações recebem a denominação de aconselhamento, segundo a psicóloga brasileira Ruth Scheeffter. (COSTA, apud SCHEEFFTER, 2015, p. 75).

Samuel Costa (2015, p. 77-83), continua com o relato bíblico de aconselhamento citando os amigos de Jó, que se colocaram ao seu lado enquanto este sofria. Traz à memória também Jetro, o sogro de Moisés, que o aconselhou enquanto acampado no deserto, quanto à distribuição de suas tarefas entre os seus liderados. O mesmo autor ainda diz que este aconselhamento proporcionado por Jetro a Moisés é definido pela psicologia como *terapia diretiva* - processo educativo que visa a aprendizagem de atitudes para um ajustamento pessoalmente social satisfatório. Moisés, por sua vez, aconselhava os israelitas. Em um dos seus

conselhos disse-lhes: “Se te esqueceres do Eterno, teu Deus, e andares após outros deuses, os servires e prostrares a eles, vos advirto hoje que certamente perecereis, como as nações que o Eterno faz perecer de diante de vós, assim perecereis, porque não quisestes ouvir a voz do Eterno, vosso Deus”. (Dt 8.19).

Há também o exemplo de Natã ao aconselhar o rei Davi após seu envolvimento com Bate-Seba, esposa de Urias, e o assassinato do mesmo. Nesta relação de ajuda, Natã estimulou Davi a refletir sobre sua conduta atípica que desempenhou como rei de Israel e crente israelita. Natã estimulou Davi a evocar os ensinamentos da religião de Israel que estavam latentes em seu cérebro-mente, e como resposta reconheceu o erro cometido e, em outro momento, externou esse sentimento em forma de Salmos, o Salmo 51.

À época do Novo Testamento encontramos a pessoa de Jesus, como citado anteriormente, o Maravilhoso Conselheiro, em seus encontros com centenas de pessoas no decorrer do seu ministério, cumprindo cabalmente o seu papel de conselheiro. A respeito disto, afirma Hurding:

Durante seus dias na terra, testemunhamos o papel sacerdotal do Senhor na busca por alcançar os angustiados mediando cura, perdão e vida nova. O paralisado de Cafarnaum, a mulher na casa do fariseu Simão, e o coletor de impostos Zaqueu são algumas das inúmeras pessoas que experimentaram paz, alegria e novos começos por meio do toque restaurador de Cristo. Em sua conversa com a mulher samaritana, vemos Jesus não apenas como profeta e pastor, mas também como sacerdote, quando ela recebe a água que nela se tornará ‘uma fonte a jorrar para a vida eterna. (HURDING, 2015, p. 444).

Ao anunciar aos seus discípulos que partiria para o Pai, teve o cuidado de lhes informar que não ficariam sós, mas que lhes enviaria o Espírito Santo para assumir o papel de Consolador, conselheiro: “Mas eu vos digo a verdade: convém-vos que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá para vos outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei”. (João 16.7, ERC).

E assim, a prática do aconselhamento bíblico segue durante todo o desenvolvimento da igreja primitiva e em todos os escritos do apóstolo Paulo, em suas cartas às igrejas, aos seus discípulos e amigos pessoais como, por exemplo, ao jovem Timóteo, Tito e Filemon.

## 2. DEFINIÇÃO DE CONSELHEIRO CRISTÃO

Tendo como exemplo a vida de Jesus, nosso conselheiro maior, revelado ao profeta Isaias como o “Maravilhoso Conselheiro” (ALMEIDA, 2004. Isaias 9.6), apresenta-se a definição de conselheiro cristão à luz da Palavra de Deus, a Bíblia.

Em primeiro lugar, o conselheiro deve analisar quais são os seus motivos para se entregar à uma tarefa tão relevante e, muitas vezes, árdua, como é a tarefa de cuidar do ser humano de modo tão íntimo, e de grande responsabilidade.

O Dicionário Bíblico Vida Nova (2000, p. 79) traz a seguinte definição:

Conselheiro, o que dá conselhos, usado na descrição do Messias em Isaias 09:06 e do Espírito Santo em João 14:16, 26; 15:26; 16:7 (NVI). A palavra grega entrou no pensamento cristão como ‘paraclito’ e significa alguém chamado para acompanhar outro, especialmente num tribunal de justiça; daí a tradução por ‘advogado’ (I João 02:01 ARA). A ajuda do Espírito é considerada nestes termos legais em Mateus 10:19s., em que os cristãos são levados a julgamento diante das autoridades seculares e judaicas. Há poucos indícios de um uso ativo da palavra fora do NT, e os comentaristas da igreja primitiva tendiam a entendê-la como um encorajamento por causa de seu contexto, a desolação dos discípulos com a partida de Jesus. Uma tradução ambígua como ‘Conselheiro’ contém os vários significados que João provavelmente deseja exprimir. (WILLIAM, 2000, p. 70).

Molochenco (2008, p. 21), cita a definição de conselheiro ou terapeuta segundo Anatole Baily como:

Alguém que se dispõe a ‘servir’, ‘servir ao outro’, ‘servir a qualquer um’; é aquele que se envolve com o outro, dispensando-lhe cuidado e atenção; que percebe o outro como se apresenta desprotegido, sem direção e impossibilitado de perceber um rumo para seu viver; é aquele que se envolve com aplicação e investe tempo para auxiliar quem se apresenta com demandas insolúveis. Esse terapeuta vai aplicar-se no auxílio do necessitado, doando-se em cuidado e atenção. (BAILY, *apud* MOLOCHENCO, 2008, p. 21).

Pode-se dizer que o conceito, em suma, define alguém que orienta, ajuda, consola, conforta, serve, doa-se e faz também o papel de defensor, não de acusador.

O conselheiro é antes de tudo um pastor, segundo Clinebell (2007, p. 25), que exerce a ‘Poimênica’, sendo este um ministério amplo e inclusivo de cura e crescimentos mútuos, dentro de uma congregação e de sua comunidade, durante todo o ciclo de vida. Não necessariamente o pastor titular de uma congregação, embora muitos têm exercido este papel, mas o pastor que cuida, sara as feridas e ajuda o aconselhando a continuar sua vida de forma sadia e produtiva.

De acordo com Friesen (2012, p. 19), sem o conselheiro não haveria o aconselhamento. Se ele não se dispuser ao aconselhamento, as pessoas necessitadas não teriam a quem recorrer, pelo menos não alguém com habilidades treinadas e ou vocacionado para exercer o ministério de misericórdia, através do aconselhamento.

O mesmo autor (2012, p. 19) ainda diz que:

Conselheiro Cristão é aquele que dispõe do seu tempo e de si mesmo para 'assistir' ao aconselhando enquanto este busca os seus recursos para ajustar-se, para resolver seus conflitos. 'Assistir' no sentido de estar presente, de auxiliar, de ajudar, de favorecer". (FRIESEN, 2012, p 19).

Isto posto, a seguir, apresenta-se o perfil do conselheiro cristão, suas características e atitudes, dentre outros aspectos.

### **3. O PERFIL DO CONSELHEIRO CRISTÃO**

Partindo do princípio que nem todos os cristãos, mesmo os que têm boas intenções, estão aptos para exercer o papel de conselheiro, analisa-se algumas características e atitudes que deverão fazer parte da vida do conselheiro cristão.

Collins (1982, p. 30), esclarece que “em qualquer relacionamento de ajuda, a personalidade, os valores, as atitudes e as crenças do ajudador são de importância primária”.

Segundo o mesmo autor (1984, p. 19), Jesus contou aos seus seguidores a razão de sua vinda à terra: “dar-nos vida em abundância e em toda a plenitude”. O conselheiro, seguidor de Jesus Cristo, tem o mesmo alvo ulterior e abrangente de mostrar às pessoas como ter uma vida abundante e apontar aos indivíduos a vida eterna prometida aos que crêem.

#### **3.1 Características e atitudes do conselheiro cristão**

As principais características de um conselheiro cristão, segundo Manuel Alexandre Jr. (2016, p. 20-23), são:

- a) Conhecer a Deus na pessoa e no caráter de Jesus Cristo. É ter uma experiência de fé com Deus e aceitação e afirmação de Jesus Cristo “a expressa imagem do Deus invisível”, como o seu único e suficiente salvador. Conhecer a Deus é compreender os traços do seu caráter e as

excelências de sua pessoa, os seus tributos naturais e sobrenaturais, as suas virtudes morais e espirituais: que Deus é um ser pessoal, perfeitamente bom, que em santo amor, criou, sustenta e dirige todas as coisas.

- b) Conhecer e compreender a essência da Palavra de Deus. É muito importante uma leitura meditada da Bíblia, no seu todo e em cada uma de suas partes. Só assim se terá uma visão global e harmonizada de seu ensino, além de uma boa compreensão da doutrina, dos princípios e valores e da alegria terapêutica contida em cada seção da Escritura. Para ser um conselheiro cristão eficaz, habilitado, disposto a restaurar outros, é imperativa a disponibilidade para a oração e a obediência, de mãos dadas com o estudo diligente da Bíblia e um amor incontestável a Cristo e sua igreja, amor através do qual o Espírito Santo opera.
- c) Conhecer, compreender e amar a pessoa humana. O conselheiro pastor ou não pastor, precisa ser compassivo, e só se aprofunda esse sentido de compaixão mediante a experiência com o ser humano. Se temos compaixão, temos sentimento, somos sensíveis, identificamo-nos com o próximo e seus problemas, dificuldades e aflições. Compaixão significa, de fato, “sentir com os outros”, contribuir para aliviar o seu sofrimento. Significa “ser capaz de se compadecer devidamente dos que erram por ignorância, porque ele mesmo também está cercado de fraqueza”. (Hb. 5.2).
- d) Conhecer e compreender a nós mesmos. Para compreendermos os outros, precisamos primeiro nos conhecer e compreender a nós próprios. Essa é a condição mais básica.

Segundo Collins (2005), certas evidências sugerem que os conselheiros eficazes são bem-sucedidos, não tanto por causa da sua orientação ou técnicas, mas, sim, por causa de sua empatia, cordialidade ou calor e autenticidade, bem como sua dependência do Espírito Santo.

Neste aspecto, o mesmo autor (idem) apresenta a palavra empatia como sendo:

Tem origem numa palavra alemã que significa ‘sentir dentro de’ ou ‘sentir com’. A maioria de nós teve a experiência de ficar no banco do passageiro do carro, e de apertar o pé contra o chão ao vermos a necessidade de diminuir a velocidade. Em tais momentos estamos nos sentindo na situação do

motorista e estamos sentindo com ele. Para usar uma linguagem mais técnica, estamos 'empatizando' com a pessoa que se senta no lugar do motorista. (COLLINS, 2005, p. 38).

A empatia é de suma importância para a tarefa do aconselhamento pois, ao sentir compreensão por parte do conselheiro, o aconselhando se sentirá mais à vontade para compartilhar os seus dilemas e até mesmo confessar pecados, na esperança que será compreendido. É relevante sentir acolhimento quando se está precisando de ajuda.

Com relação à cordialidade ou calor, expressa-se que:

É quase um sinônimo de importar-se com alguém. É uma amabilidade e consideração que se revelam na expressão do rosto, no tom de voz, nos gestos, na postura, no contato com os olhos e qualquer outro comportamento não verbal tal como cuidar do conforto do ajudado. O calor diz: 'importo-me com você e com o seu bem-estar'. Aqui como em tantos aspectos do comportamento humano, as ações falam mais alto do que as palavras. O ajudador que realmente se importa com as pessoas não precisará anunciar verbalmente sua solicitude, todos poderão percebê-la. (COLLINS, 1982, p. 31).

Faz-se notar em um atendimento de aconselhamento, o interesse ou o 'calor' do interlocutor. As expressões faciais, os gestos e o olhar deixarão transparecer a atenção que se dá ao que está sendo falado, encorajando o aconselhando a continuar o seu relato. Bem como o deixará à vontade diante de alguém que, às vezes, está encontrando pela primeira vez em busca de ajuda.

Ao abordar a autenticidade, relaciona-a com o papel de ajudador e suas palavras de apoio:

Significa que as palavras do ajudador correspondem às suas ações. O ajudador tenta ser honesto com o aconselhado, evitando quaisquer declarações ou comportamento que possam ser considerados falsos ou insinceros. Alguém sugeriu que a pessoa verdadeiramente autêntica possui valores e atitudes consistentes, é espontânea, ciente de seus sentimentos, não é impulsiva ou desrespeitosa e não se inclina a ficar na defensiva. As pessoas autênticas estão dispostas a compartilhar de si mesmas e permitir que os outros conheçam os seus sentimentos. (COLLINS, 2005, p. 39).

A autenticidade é algo que se busca para confiar em alguém, e isto não é diferente em relação ao conselheiro e aconselhando. Afinal, é preciso ter confiança em alguém com quem você está disposto a compartilhar sentimentos profundos, dúvidas e angústias.

No aconselhamento, o ajudador eficaz procura ver e entender o problema do ponto de vista do aconselhando. Se colocar no lugar do outro e entender os seus

sentimentos. Jesus revela empatia, calor ou solidariedade, autenticidade, e o ajudador cristão tem no Mestre Jesus um exemplo a ser seguido.

### **3.2 A dependência e a capacitação do Espírito Santo na vida do conselheiro cristão**

Segundo Friesen (2012, p. 87), o conselheiro cristão, o conselheiro pastoral deve ter firmes princípios cristãos. Precisa ser fortalecido pelo poder de Deus. Deve ter firmes convicções pessoais, sendo cheio do Espírito Santo (Gl. 5.22s) e das características do seu fruto (amor, paz, paciência, gentileza, bondade, fidelidade, mansidão e autocontrole).

Molochenco (2008, p. 41) ensina que “a presença do Espírito Santo no aconselhamento merece destaque”.

Essa presença no processo de aconselhamento é fundamental, pois o Espírito Santo do Senhor habita e age em três esferas diferentes:

- a) *Nos céus*. De lá, ele ‘intercede por nós com gemidos não expressos em palavras’ (Rm 8.26). Nessa esfera, encontramos o Espírito Santo em diálogo com o Pai a respeito das coisas que precisamos, mas que nós mesmos não temos condições de perceber devido à nossa pequenez e finitude.
- b) *Em nós*. Dois textos podem ser citados para comprovar essa presença em nós. O primeiro é Atos 2.38 “...e recebereis o dom do Espírito Santo”. O Outro é Efésios 1.13-14, no qual Paulo afirma: “...tendo ouvido a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, e tendo nele também crido fostes selados com o Espírito Santo da promessa, que é a garantia da nossa herança...”.
- c) *Entre os filhos de Deus*. A Palavra de Deus indica que o Espírito Santo se fazia presente e permeava a igreja que recebe dele a mensagem de separar homens para o trabalho do Senhor (Atos 13.2).

Estas três esferas de atuação do Espírito Santo são fundamentais. Porém, ressalta-se a sua atuação nas dinâmicas de relacionamento. Nestas, ele se faz presente orientando e dirigindo, para que os diálogos sejam frutíferos.

Ainda segundo Molochenco (2008, p. 42-43), a técnica é importante. O dom dado pelo Espírito Santo a alguns da igreja para que aconselhem, é considerado de maior importância. No processo de aconselhamento, a dinâmica entre conselheiro e

aconselhando na presença do Espírito Santo é de singular relevância, pois ele abre horizontes que os integrantes do aconselhamento não poderiam ver. É através da ação dele que se abre a possibilidade do abandono do pecado, abrindo caminho para a nossa purificação e santificação, rompendo com padrões antigos de comportamento e pensamentos.

Desta forma, o aconselhamento ideal é aquele que agrupa os três aspectos mencionados: teoria e técnica, o dom de aconselhar outorgado pelo Espírito Santo e, principalmente, a própria presença do Espírito Santo na dinâmica do aconselhamento.

Adams (1980, p. 37) diz:

O aconselhamento pertence ao ministério do Espírito Santo. Não se pode realizar aconselhamento eficaz à parte dele. Ele é chamado Paráclito, “conselheiro” que veio no lugar de Cristo para ser outro conselheiro da mesma forma que Cristo havia sido para os seus discípulos.

O conselheiro cristão deve reconhecer sua total dependência do Espírito Santo, pois é este quem efetua no ser humano uma mudança significativa em sua maneira de agir e pensar. É ele, também, quem o capacita para uma mudança significativa de hábitos e pensamentos prejudiciais, para o abandono do pecado e libertação da alma.

### **3.3 O conselheiro e suas motivações para o exercício do aconselhamento**

Várias são as motivações para se ingressar em uma área de conhecimento ou uma profissão. O aconselhamento e as profissões que tratam diretamente com o ser humano e suas necessidades têm atraído muitas pessoas, seja como ministério e ou como profissão. Especialmente ao escolher ingressar no exercício do aconselhamento, o aspirante deverá sondar suas reais motivações.

Com o intuito de elucidar tais aspectos, Friesen (2012, p. 97) questiona: por que você quer ser um(a) conselheiro(a) pastoral? e [...] isso é pergunta que se faça? As ordens de Deus quanto a este ministério são explicitamente claras”, sugere Friesen (2012, p. 97).

O próprio Friesen (Idem), adverte:

Bem sabemos que as motivações conscientes nem sempre correspondem aos motivos mais profundos de nossa alma. Mas no aconselhamento são justamente os motivos latentes e muitas vezes inconscientes que interferem na escuta do conselheiro. Se o conselheiro quiser ouvir o aconselhando livre de ruídos de comunicação, ele deverá conhecer seus motivos mais

profundos, e eventualmente tratá-los, para que não interfiram na escuta da conversação pastoral. (FRIESEN, 2012, p. 97).

O aspirante a conselheiro, ou mesmo o conselheiro já atuante, deverá colocar-se diante de Deus e sondar o seu coração, avaliar os seus reais motivos, e questionar: quais suas expectativas em relação ao retorno de seu trabalho? Quais são seus desejos e objetivos secretos em relação a esta tarefa?

Segundo Friesen (2012, p. 99), o conselheiro deverá estar consciente de suas tendências, simpatias e antipatias, de suas esperanças, e de seus receios e medos, e muitas vezes terá que tratá-los e afastá-los.

Portanto é necessário estar consciente de suas limitações, para que estas não interfiram no tratamento com os seus aconselhados, comprometendo assim a eficácia e o resultado do aconselhamento.

Collins (1984, p. 28), adverte:

“Quase nunca é fácil analisar e avaliar nossos motivos. Isso talvez se aplique especialmente quando examinamos nossas razões para praticar o aconselhamento. Um desejo sincero de auxiliar as pessoas a se desenvolverem é uma razão válida para tornar-se um conselheiro, mas existem outras que motivam os conselheiros e que interferem com a eficácia de seu aconselhamento”. (COLLINS, 1984, p. 28).

Collins (1984, p. 29), relaciona as principais motivações que poderão interferir na eficácia do aconselhamento, sendo:

- a. *Curiosidade*. Quando o conselheiro é curioso, algumas vezes esquece o aconselhado, pressiona para obter mais detalhes e com frequência não consegue manter segredo;
- b. *A necessidade de manter relações*. Para alguns aconselhados, o conselheiro será seu melhor amigo, pelo menos temporariamente. Quando a relação do conselheiro com o aconselhado se torna uma relação de amizade corre-se o risco de o tratamento não obter sucesso, pois o conselheiro pode não querer a melhora ou cura do aconselhado, sendo que poderá perder o amigo ao terminar o aconselhamento. A relação poderá estar satisfazendo as necessidades pessoais do conselheiro e não mais uma relação de ajuda;
- c. *A Necessidade de poder*. O conselheiro autoritário gosta de “endireitar” os outros, dar conselhos (mesmo quando não solicitado), e desempenhar o papel de “solucionador de problemas”. Alguns aconselhados do tipo dependente podem desejar isto, mas não serão ajudados se suas vidas

forem controladas por outra pessoa. A maioria das pessoas, no entanto, irá eventualmente opor resistência a um conselheiro autoritário;

- d. *A Necessidade de socorrer.* O conselheiro deste tipo tira a responsabilidade do aconselhado ao demonstrar uma atitude que diz claramente: “você não é capaz de resolver isso, deixa tudo comigo”. Esta abordagem é chamada de messias benfeitor. Ela pode satisfazer o aconselhado por algum tempo, mas raramente fornece ajuda duradoura. Quando a técnica de socorro falha, o conselheiro sente-se culpado e inadequado, como um messias incapaz de salvar os perdidos.

Sobre a eficácia do aconselhamento, Collins (1984) adverte:

“Todos sabem que algumas pessoas dão melhores conselhos que outras. Isso faz surgir uma questão importante e fundamental. Todo cristão pode ser um bom conselheiro? ou o aconselhamento é um dom reservado para certos membros escolhidos no corpo de Cristo? Segundo a Bíblia, todos os crentes devem ter um interesse compassivo por seus semelhantes, mas não se deduz disso, necessariamente, que todos os crentes sejam ou possam tornar-se conselheiros bem dotados. Neste respeito, o aconselhamento é como o ensino. Todo pai tem a responsabilidade de ensinar os seus filhos, mas apenas alguns são professores especialmente dotados”. (COLLINS, 1984, p.29).

Ainda segundo Collins (1984, p. 30) nós claramente precisamos uns dos outros e o aconselhamento é uma parte – mas apenas uma parte – da igreja em funcionamento. Ajudamos as pessoas pelo aconselhamento, mas também as auxiliamos através da evangelização, ensino, preocupação social e outros aspectos do ministério.

Cabe, portanto, a cada membro do corpo, sob a orientação do Espírito Santo e do próprio corpo de Cristo encontrar o seu lugar, no exercício dos seus dons para alcançar os necessitados nas diversas áreas de atuação da Igreja como um todo, reconhecendo suas limitações, vulnerabilidades, bem como suas competências e habilidades.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O aconselhamento, como discutido nesta pesquisa, é uma prática presente em toda a história da humanidade, seja como prática profissional, seja como ministério, mas sempre voltado para a pessoa em busca de orientação ou mesmo alguém em estado de sofrimento. A conclusão, então, é que os consultórios de

psicologia, psiquiatria e os gabinetes pastorais estão sempre cheios de pessoas em busca de ajuda e alívio para a condição em que se encontram.

Surge então a questão: estão todos os que se propõem a abraçar esta prática, preparados emocionalmente, espiritualmente e psicologicamente para estender ajuda e compreensão aos aflitos?

Há um entendimento comum que todo cristão deverá estar apto para oferecer ajuda e conforto a qualquer pessoa que se mostrar necessitada. No entanto, esta ajuda, dependendo do grau de comprometimento do problema, seja espiritual, emocional ou psicológico, não poderá ser apenas carregada de boas intenções ou simplesmente por amor. Se faz necessário entender as raízes, os sintomas e os frutos do problema. A conclusão é que nem todos, embora estejam aptos para orar e oferecer 'um ombro amigo', estão aptos para praticar o aconselhamento.

Esta pesquisa mostrou, através da análise de dados bibliográficos, que todos os que abraçam a causa de aconselhar e de acudir ao necessitado e ferido, deverão ter conhecimento de algumas prerrogativas. Necessitarão estar cientes de suas limitações, de se conhecerem profundamente como pessoa, de reconhecerem a autoridade da bíblia, de ser um estudante da mesma, de ter uma vida de oração e de reconhecer sua dependência do Espírito Santo. Além disso, ter disposição para doar-se (de forma a não se prejudicar) e demonstrar cuidado, amor, empatia a todo aquele que o procurar para ser orientado ou socorrido. Também, deverão estar dispostos a encaminhar a pessoa para outro tratamento quando suas condições de treinamento ou pessoais assim requererem, tendo a humildade de reconhecer suas limitações.

Sendo a Igreja de Cristo um lugar onde se busca orientação, cura e alívio, todo cristão deverá se dispor a prestar ajuda e a encaminhar os necessitados para aqueles que tem o devido preparo para tal prática.

## REFERÊNCIAS

- ADAMS, Jay E. **Conselheiro Capaz**. São Paulo: Editora Fiel LTDA. 1980.
- ALEXANDRE JÚNIOR, Manuel. **Aconselhamento Bíblico**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2016.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. São Paulo: Editora Vida, 1984.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Almeida**. João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.
- CERVO A. L; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 3 ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- CHAMPLIN, Russel N. **Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia**. São Paulo: Editora Hagnos, 2001. V. 1.
- CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento Pastoral**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2007.
- COLLINS, Gary R. **Ajudando uns aos outros**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1982.
- COLLINS, Gary R. **Aconselhamento Cristão**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1984.
- COLLINS, Gary R. **Ajudando uns aos outros pelo Aconselhamento**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2005.
- COSTA, Samuel. **Psicologia Pastoral**. 5 edição. São Paulo: Edições Vida Nova, 2015.
- FRIESEN, Albert. **Cuidando do Ser**. Curitiba: Editora Esperança, 2012.
- HURDING, Roger F. **A Árvore da Cura**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2015.
- MOLOCHENCO, Silas. **Curso Vida Nova de Teologia Básica – Aconselhamento**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2008.
- SCHEEFFER, Ruth. **Aconselhamento Psicológico**. São Paulo: Atlas, 1989.
- WILLIAM, Derek, Editor. **Dicionário Bíblico Vida Nova**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2000.